

V SEMINÁRIO DE ESTÁGIO DA UPE
UPE CAMPUS MATA NORTE- PERNAMBUCO

11 a 13 de junho de 2025

**Análise comparativa das práticas de ensino entre duas escolas:
tradicional x construtivista**

Ana Paula Regina da Silva Santos¹, Paula.regina@upe.br

Sthéfanny Laura da Silva Gomes², sthéfanny.lauragomes@upe.br

Theresa Katarina Souza e Silva Bachmann, theresa.bachmann@upe.br

Resumo: O presente trabalho intitulado “Análise comparativa das práticas de ensino entre duas escolas: tradicional x construtivista”, tem por objetivo discutir experiências vividas nos estágio obrigatório de língua espanhola, buscando fazer uma análise comparativa entre duas práticas de ensino, uma conservadora e outra mais moderna. O intuito é discutir como essas práticas distintas de ensino corroboram para o ensino da língua estrangeira. Serão discutidas as principais diferenças existentes entre as práticas pedagógicas de uma escola de rede privada e outra de rede estadual.

Palavras Chaves: Ensino tradicional. Ensino construtivista. Língua espanhola.

Introdução:

Desde os primórdios das práticas de ensino, o ensino é realizado com o uso do material didático disponibilizado pela escola. Entretanto, com o passar do tempo, percebe-se que o livro didático deixou de ser um dos meios de ensino para se tornar a única ferramenta mediadora do ensino-aprendizagem. No entanto, essa prática prevalece exclusivamente nas instituições de rede privada. Desse modo, tendo consciência de que o material didático não deve ser o único caminho, iremos fazer uma análise comparativa entre duas práticas de ensino e discutir qual delas abre possibilidades para o ensino da língua espanhola que seja mais eficaz.

Dessa forma, o presente trabalho pretende discutir as práticas pedagógicas observadas em duas escolas de campos de estágio distintas, doravante denominadas Escola X (rede privada, com ensino tradicional e centrado no livro didático) e a Escola Y (com abordagem construtivista, flexível e lúdica). A pesquisa justifica-se pela relevância do estágio na formação docente, pois permite aos discentes vivenciarem diferentes realidades educacionais e refletirem sobre qual contexto melhor se adapta às suas práticas futuras, especialmente no estágio de regência. Os objetivos serão realizar uma análise comparativa entre as duas escolas, destacando as diferenças em suas metodologias de ensino, a fim de fornecer subsídios para futuros estagiários na escolha de seus campos de atuação.

O estudo fundamenta-se em duas principais correntes pedagógicas: no ensino tradicional (Escola X): baseado em autores como Comênio e Durkheim, essa abordagem prioriza a transmissão vertical do conhecimento, com foco na disciplina, no livro didático e na avaliação padronizada; no construtivismo (Escola Y): inspirado em Piaget, Vygotsky e Freire, essa perspectiva valoriza a aprendizagem ativa, a interação social e a adaptação

do currículo às necessidades dos alunos, permitindo maior flexibilidade e criatividade no planejamento docente.

Nosso trabalho busca ampliar a discussão sobre os impactos das diferentes metodologias no processo de ensino-aprendizagem; oferecer aos licenciandos uma visão crítica sobre os modelos tradicionais e construtivistas, auxiliando na escolha de campos de estágio alinhados às suas concepções pedagógicas; e contribuir para a reflexão sobre a formação docente, destacando a importância da flexibilidade e da adaptação às demandas contemporâneas da educação.

Referencial Teórico

A abordagem tradicional é uma das metodologias de ensino inserida na pedagogia liberal que surgiu como reflexo do sistema capitalista ao reforçar as desigualdades sociais e econômicas existentes na sociedade, visto que esse tipo de enfoque privilegia a propriedade privada (classes sociais) aos interesses apenas do mercado de trabalho e da sociedade industrializada e não possibilita desenvolver uma consciência crítica sobre isso. No âmbito educacional, ela é caracterizada pela “concepção de educação como um *produto*, já que os modelos a seres alcançados estão pré-estabelecidos, daí a ausência de ênfase no processo” (Mizukami, p. 11).

A escola se torna o espaço onde acontece o processo de transmissão e funciona como um ambiente rígido e autoritário para que o aluno não se distraia e perca a originalidade das ideias apresentadas, até porque ele é considerado uma “tábula rasa”, expressão derivada do latim e argumento usado pelo filósofo inglês John Locke significando que a mente humana nasce como uma folha em branco, sem nenhum pensamento, cognição pré-formadas, sendo preenchidas e adquiridas apenas ao longo da vida através da experiência e o ambiente.

No aspecto ensino-aprendizagem, a educação é dependente da instrução, porque a aprendizagem é considerada um processo de absorção das informações, no qual o aluno está inserido para receber e memorizar conteúdos abordados pelo professor e em sequência reproduza esses modelos já prontos e estabelecidos, sem desenvolver um entendimento crítico e autônomo. O ensino é transferido de maneira artificial, concretizando-se com a variedade e quantidade excessiva de ideias, conceitos e correções. Concentrando demais na forma e na correção, a essência e a profundidade se perdem. Ao

invés de realmente entender e sentir o que estão aprendendo, tende a se tornarem alunos passivos, sem estímulo à criatividade e pensamento crítico.

A avaliação é feita mediante as verificações de curto prazo (interrogatórios, orais, exercícios de casa, especialmente no caderno e livro didático) e de longo prazo (provas escritas, trabalhos de casa). Caso o rendimento não atenda às expectativas para o professor, o reforço será realizado por meio de reclamações com os pais, ou qualquer outra decisão que seja tomada pela direção ou pelo docente.

Nota-se que esse tipo de ensino não leva em conta o contexto social e a experiência dos alunos, como bem ressalta Paulo Freire em sua obra “A pedagogia do oprimido” (1968), nomeando esta de pedagogia de “educação bancária”. Ao destacar um conhecimento que desconsidera a cultura, história e as vivências dos estudantes, resulta em um sentimento de alienação e desmotivação, tornando-se alvo de crescente crítica pela impossibilidade de atender às demandas de um mundo em constante transformação, que exige a formação de cidadãos críticos, criativos, engajados.

Outro paradigma de ensino desenvolvido no decorrer dos anos, que apresentou uma inovação em relação à aquisição do conhecimento inserida na pedagogia progressista e que apresentou uma aprendizagem significativa, foi o construtivismo.

Construtivismo significa, em linhas gerais, a ideia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais; e se constitui por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e, muito menos, pensamento. (Becker, 1993. p.88)

O trecho citado destaca que o conhecimento não é algo que já vem pré-formado ou ser repassado de forma passiva, mas construído pela interação do indivíduo com o meio físico, social e simbólico, ademais a construção do pensamento, da consciência não existem antes da ação, ou seja, é preciso obter a experiência ativa, por explorar, questionar e propor soluções que vai permitir desenvolver a relação entre o indivíduo e o mundo de forma contextualizada e crítica.

O objetivo dessa tendência é se afastar do ensino tradicional e propor um papel renovador no âmbito escolar, a partir das condições reais. A escola qualificará o aluno para a realidade do mundo adulto, provendo conhecimentos e habilidades necessárias para se tornarem indivíduos ativos e conscientes, visando contribuir para a composição de uma sociedade mais justa e democrática.

Nessa perspectiva, as técnicas de ensino não se limitam a expor informação de maneira autoritária e depositar tudo o que sabe na mente do aluno, em vez disso será solicitado que eles mesmos tomem a iniciativa em pesquisar, desenvolvam projetos de pesquisa, criação artística, debates, trabalhos em grupos (interação). O professor atua como um mediador, explicando sobre os conteúdos e relacionado entre a experiência do estudante e a parte teórica, mobilizando a alcançar uma participação ativa.

Aprender, nessa perspectiva, envolve desenvolver a habilidade de processar e organizar informações com as práticas vividas, é preciso partir do que o aluno já sabe e compreende e em sequência integrar e sintetizar as informações, superando seu ponto de vista limitado e confuso e adquirindo uma compreensão mais clara e abrangente. No que diz respeito à avaliação, ela é vista como um processo contínuo, que focalizar acompanhar o progresso dos alunos e oferecer o feedback para que ele harmonize ao processo de aprendizagem sem constrangimento ou vergonha.

Por fim, observa-se que esse tipo de ensino é fundamental para promover a autonomia, o aprendizado significativo, o desenvolvimento de habilidades e a preparação para o mundo real, tornando a aula e os alunos capacitados e preparados para enfrentar os desafios da vida de forma crítica e ativa.

Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, na qual será feita uma comparação entre duas práticas de ensino distintas observadas no estágio obrigatório de Língua Espanhola. A pesquisa será dividida em três etapas: no primeiro momento, serão relatadas as distintas experiências observadas pelas duas discentes do curso de Letras-Espanhol, na qual uma realizou o estágio em uma escola de rede privada, e a outra em uma escola EREM; em seguida, será feita uma análise comparativa entre as duas práticas de ensino observadas, pontuando a divergência de uma para a outra; no final, ocorrerá uma discussão acerca de qual método de ensino é mais proveitoso para o ensino de língua

estrangeira. Nesta etapa, será avaliado qual modelo apresenta maior eficácia para o ensino de língua estrangeira (espanhol), considerando o engajamento dos alunos e a aquisição de competências linguísticas.

Os dados serão coletados por meio de diários de campo, registrando as estratégias didáticas, a interação professor-aluno e os materiais utilizados. A escola por uma metodologia qualitativa e comparativa permite não apenas descrever as práticas observadas, mas também refletir sobre seus impactos na formação docente. A triangulação entre relatos de campo, análise teórica e discussão crítica visa oferecer um panorama robusto sobre os desafios encontrados em sala de aula e as abordagens de ensino adotadas. Espera-se que os resultados desse trabalho contribuam para as reflexões de práticas pedagógicas dos futuros professores de espanhol, auxiliando nas escolhas metodológicas de suas aulas.

Análise e discussão

A Escola X tem como base um modelo de ensino tradicional, centrado em técnicas convencionais. Durante o estágio em Língua Espanhola, foi possível observar que a prática pedagógica adotada restringe-se quase que exclusivamente ao livro didático, utilizando-o como único recurso metodológico. As aulas não contemplavam estratégias dinâmicas, como trabalhos em grupo, atividades complementares em folhas avulsas ou o uso de tecnologias e materiais audiovisuais, o que poderia enriquecer o processo de aprendizagem.

Além disso, outro aspecto preocupante é a não obrigatoriedade do uso da língua espanhola em sala de aula. As aulas eram ministradas predominantemente em português, com pouca imersão no idioma estudado. Essa abordagem reduz significativamente as oportunidades de os alunos desenvolverem habilidades comunicativas, como a compreensão auditiva e a produção oral, essenciais para o domínio de uma língua estrangeira.

Essas práticas acabam por desestimular o interesse dos alunos pelo espanhol, contribuindo para uma visão da disciplina como algo meramente teórico e desconectado da realidade. A falta de interação e contextualização do idioma no cotidiano escolar pode levar ao desengajamento, reforçando a ideia de que o espanhol é uma disciplina de menor importância no currículo. O decorrer das minhas aulas no estágio de língua espanhola foi

um processo bastante difícil porque era preciso seguir o planejamento e as regras da supervisora, assim como o da escola, o único material que poderia ser utilizado era o livro didático em conjunto com aulas expositivas e o quadro branco para escrever as respostas ou realizar anotações, como também a interação com a turma era superficial, porque a maioria dos discentes não se sentia à vontade para responder, com medo de errar e a supervisora chamar a atenção deles e deixá-los constrangidos.

A prática pedagógica tradicional adotada pela Escola X, centrada na memorização e na passividade do aluno, mostra-se profundamente prejudicial quando comparada a uma abordagem construtivista. Enquanto o construtivismo valoriza a participação ativa do estudante, incentivando-o a construir seu conhecimento por meio da interação, da experimentação e da reflexão crítica, o método tradicional limita-se à transmissão unilateral de conteúdo, sem considerar os diferentes ritmos e estilos de aprendizagem. Essa falta de engajamento faz com que os alunos não desenvolvam autonomia nem habilidades essenciais, como a capacidade de argumentar, resolver problemas e aplicar o espanhol em situações reais. Além disso, ao ignorar a importância do contexto sociocultural no aprendizado de línguas, a escola acaba reforçando um ensino desmotivador e pouco significativo, distanciando-se completamente dos princípios de uma educação linguística moderna e eficaz.

A escola Y tem como base o ensino construtivista, pautada em uma aquisição de aprendizagem que abre o total espaço para os alunos construírem de maneira autônoma o seu conhecimento e relacioná-las ao seu contexto real, apesar do professor mesclar um pouco com o método tradicional. Durante a realização do estágio na língua espanhola, foi perceptível que o professor adota como instrumento pedagógico fichas impressas que contemplam os assuntos que serão trabalhados e posteriormente questões fechadas e discursivas para desenvolverem a habilidade na escrita da língua espanhola.

Na sala de aula, é obrigatório o uso do espanhol em alguns momentos específicos, como, por exemplo, ir ao banheiro ou beber água e ao responder questões de atividades e provas, possibilitando os estudantes mergulharem totalmente em outra dimensão cultural e desenvolver a oralidade e a escrita. Ademais, existe uma interação dinâmica entre o professor e os alunos ao tratarem sobre os conteúdos abordados e são desenvolvidos trabalhos anuais em grupos para apresentarem sobre um livro na área da literatura

espanhola e selecionado com antecedência pelo docente, seguindo os critérios estabelecidos por ele.

Algo bem importante também a ser destacado é que o professor fala em espanhol a maior parte da aula, visto que por serem alunos do primeiro ano do ensino médio e não terem obtido contato antes, é intercalado entre o português e o espanhol, mas contribui consideravelmente para o aprendizado deles. A minha experiência nas regências também foram positivas, porque tive o espaço e a liberdade para trabalhar com diferentes ferramentas pedagógicas, como música, data show e desenvolver um ambiente dialógico e que suprisse as necessidades emocionais e cognitivas dos alunos.

Dessa forma, a tendência construtivista mostra-se como processo de aprendizagem eficaz, dialogando sempre a realidade dos alunos, buscando a formação global do indivíduo, o desenvolvimento intelectual, social, emocional e moral, especialmente por se tratar de uma língua estrangeira, no qual a pessoa não teve nenhum contato ou adquiriu pouco.

Considerações finais

Após a análise comparativa entre as práticas pedagógicas da Escola X (tradicional) e da Escola Y (construtivista), fica evidente que o modelo centrado exclusivamente no livro didático e na transmissão passiva de conhecimento mostra-se insuficiente para o ensino eficaz da língua espanhola. A Escola X, ao restringir suas aulas a métodos convencionais, sem incorporar estratégias dinâmicas ou imersão linguística, limita o desenvolvimento das competências comunicativas dos alunos, essenciais para o domínio de um idioma estrangeiro. A ausência de interação significativa em espanhol, somada à falta de recursos complementares (como tecnologias e atividades lúdicas), resulta em um ensino descontextualizado e pouco motivador, reforçando a visão da disciplina como algo meramente teórico e distante da realidade.

Por outro lado, a abordagem construtivista adotada pela Escola Y, que valoriza a participação ativa do aluno, a flexibilidade metodológica e a integração do idioma em situações reais de comunicação, demonstra ser mais eficaz no processo de ensino-aprendizagem. Ao priorizar a interação social, a criatividade e a adaptação às necessidades dos discentes, esse modelo não só favorece a aquisição das habilidades linguísticas (oralidade, compreensão, produção escrita), mas também estimula o engajamento e a autonomia dos estudantes.

Portanto, conclui-se que, para o ensino de línguas estrangeiras — especialmente o espanhol —, é fundamental superar a rigidez do método tradicional e adotar práticas pedagógicas que: promovam a imersão linguística, utilizando o idioma como meio de comunicação em sala de aula; incorporem recursos diversificados, como tecnologias, jogos e atividades colaborativas, para tornar o aprendizado mais significativo; favoreçam a criticidade e a criatividade, permitindo que os alunos construam seu conhecimento de forma ativa e contextualizada.

Essa reflexão reforça a importância de os futuros professores refletirem sobre suas escolhas metodológicas, buscando modelos alinhados às demandas contemporâneas da educação. A experiência do estágio, ao contrastar realidades distintas, evidenciou que a qualidade do ensino de espanhol depende não apenas do conteúdo transmitido, mas da capacidade do docente em criar ambientes de aprendizagem estimulantes e inclusivos. Assim, a adoção de uma postura flexível e inovadora — inspirada no construtivismo — surge como o caminho mais promissor para formar alunos proficientes, críticos e motivados no estudo da língua espanhola.

Referências

LEÃO, Denise. **Paradigmas contemporâneos de educação: Escola tradicional e escola construtivista**. - Ceará: UFC, 1999.

LIBÂNEO, José. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítica social dos conteúdos**. Edição, 19º, 1985.

MIZUKAMI, Maria. **Ensino: as abordagens do processo** Maria da Graça Nicoletti Mizukami. - São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).

Freire, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

BECKER, F. **O que é construtivismo**. *Idéias*. São Paulo: FDE, n.20, p. 88, 1993.